



RESENHA

Um livro, um historiador: 50 anos de *O Tenentismo em Sergipe*, de Ibarê Dantas

Samuel Albuquerque*

Resumo

Este trabalho estuda a recepção crítica ao hoje clássico *O Tenentismo em Sergipe* no ano em que o livro fora publicado, em 1974, portanto. Foi produzido em 2024, no contexto das celebrações do centenário das revoltas tenentistas em Sergipe, ano também assinalado pelos 50 anos de ofício do historiador Ibarê Dantas, autor da obra estudada.

Palavras-chave: *O Tenentismo em Sergipe*; Ibarê Dantas; Recepção crítica – 1974.

397



* Versão completa do texto-base da apresentação “Notas sobre a recepção ao livro *O Tenentismo em Sergipe*”, feita na mesa-redonda “*O Tenentismo em Sergipe*” de Ibarê Dantas, na noite de 30 de outubro de 2024, no Campus São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe, integrando a programação do IX Encontro Estadual de História da ANPUH/SE & XX Encontro Sergipano de História do DHI/UFS.

** Historiador, Professor do Departamento de História da UFS e Sócio do IHGSE.

One book, one historian:
50 years of Tenentismo
in Sergipe, by Ibarê
Dantas

Un libro, un historiador:
50 años de Tenentismo
en Sergipe, por Ibarê
Dantas

Abstract

This work studies the critical reception of the now classic *O Tenentismo em Sergipe* in the year in which the book was published, in 1974, therefore. It was produced in 2024, in the context of the celebrations of the centenary of the tenentista revolts in Sergipe, a year also marked by the 50 years of work of historian Ibarê Dantas, author of the work studied.

Keywords: Tenentismo in Sergipe; Ibarê Dantas; Critical reception – 1974.

Resumen

Este trabajo estudia la recepción crítica del ya clásico *O Tenentismo em Sergipe* en el año de publicación del libro, en 1974, por tanto. Fue producida en 2024, en el contexto de las conmemoraciones del centenario de las revueltas tenentes en Sergipe, año también marcado por los 50 años de trabajo del historiador Ibarê Dantas, autor de la obra estudiada.

Palabras clave: Tenentismo en Sergipe; Ibarê Dantas; Recepción crítica – 1974.



Há meio século, nasciam um livro e um historiador. Um dos maiores historiadores de Sergipe em minha avaliação — avaliação que não é fruto da amizade e do respeito que dedico a Ibarê Dantas, mas de desapassionado balanço da trajetória dos fazeres historio-gráficos em Sergipe e das grandes sínteses surgidas ao longo desse percurso.

Aqui, todavia, me deterei a buscar perceber os ecos, a recepção crítica ao hoje clássico *O Tenentismo em Sergipe* no ano em que o livro fora publicado, em 1974, portanto.

Ibarê Dantas e as edições de *O Tenentismo em Sergipe*



(Aracaju, maio de 2024 – Acervo Samuel Albuquerque)

Valho-me de dados levantados em pesquisas que realizei no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional e, sobretudo, no acervo particular de Ibarê Dantas, que organizou e guardou duas alentadas pastas com, entre outros documentos, recortes de jornais brasileiros que, circulando em 1974, noticiaram o lançamento e emitiram pareceres críticos sobre a obra *O Tenentismo em Sergipe*.

Em junho de 1974, quando lançara *O Tenentismo em Sergipe*, Ibarê contava 35 anos incompletos, era bancário, marido de Beatriz Góis Dantas (já reconhecida em nosso campo intelectual como a autora de *A Taieira de Sergipe*), pai do jovem José Ibarê Costa Júnior e graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Ibarê Dantas, sua esposa Beatriz Góis Dantas e seu filho José Ibarê Costa Dantas Júnior no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na noite de 28 de junho de 1974, quando do lançamento de *O Tenentismo em Sergipe*



(Acervo particular de Ibarê Dantas)

As pesquisas que deram origem ao livro se desdobraram ao longo de quatro anos. Quatro anos, como registrou o professor Silvério Fontes, “[...] de labor paciente, de visitas aos arquivos, de correspondência com pessoas, de entrevistas, de leituras das obras publicadas e de aprofundamento cultural” (Fontes In Dantas, 1974, p. 7-8).

Aproveitando a efeméride, o livro fora lançado no ano em que o 13 de Julho de 1924, data símbolo das ações tenentistas em Sergipe, alcançava o seu jubileu.

Na grande imprensa nacional, a primeira avaliação mais detida da obra de que tenho notícia é da lavra de um dos nomes mais acreditados da crítica literária brasileira daqueles idos dos anos 1970.

Refiro-me a José Geraldo Nogueira Moutinho, que respondia pela seção de crítica literária da *Folha de São Paulo*. No texto, publicado em 25 de julho de 1974, Moutinho concluiu:

[...] Exemplar como pesquisa, louvável como imparcial exame de documentos e de fatos, o livro [*O Tenentismo em Sergipe*] de José Ibarê Costa Dantas se inscreve na grande história dos movimentos sociais e políticos do país, como um dos seus capítulos mais bem elaborados (Moutinho, 1974).

Como assinalai, a apreciação de Nogueira Moutinho na *Folha de São Paulo* é de 25 de julho. Mas, desde meados de junho, a imprensa nacional, através de jornais, como o *Jornal de Brasília*, *O Estado de Minas*, o *Correio do Povo* (de Porto Alegre) e o *Diário de Campinas*, veiculava breves comentários sobre *O Tenentismo em Sergipe*.

Adiante, após o lançamento oficial do livro em 28 de junho, seria a vez de outros influentes jornais, como o *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo*, o *Diário de Minas* e o *Correio Riograndense*, passarem a veicular notícias, breves comentários e até resenhas da obra de estreia de Ibarê Dantas.

Eram sempre comentários elogiosos, como o de Remy Gorga Filho no *Jornal do Brasil*. Na edição de 8 de julho de 1974, Gorga Filho tratou de, a um só tempo, “rasgar seda” ao livro do jovem historiador e ao mais novo livro da já consagrada escritora Clarice Lispector, intitulado *A Via Crucis do Corpo*.

No mais, é importante assinalar, o *Jornal do Brasil* relacionou *O Tenentismo em Sergipe* entre os cinco livros de não ficção mais vendidos no Rio de Janeiro, nos meses de setembro e outubro de 1974. Em seu suplemento *Livro*, um “guia quinzenal de idéias e publicações”, o periódico divulgava dados colhidos junto às livrarias cariocas, indicando os livros de ficção e não ficção, nacionais e internacionais, mais consumidos na antiga Capital Federal.

A contragosto dos paulistanos, o Rio, berço do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras, continuava sendo a grande vitrine da nossa República das Letras. Lá, em suas concorridas livrarias e nas páginas do seu mais influente



jornal, ganhou destaque o livro de estreia de Ibarê Dantas, ladeado de obras de autores consagrados da ciência e da literatura no Brasil, como Celso Furtado, Érico Veríssimo e Augusto de Campos.

Em Sergipe, terra natal de Ibarê, onde o livro fora solenemente lançado em fins de junho, a imprensa se interessou muitíssimo pela novidade do livro e seu autor, deixando-se empolgar pela repercussão na grande imprensa nacional.

Jornais aracajuanos chegaram a reproduzir matérias inteiras sobre *O Tenentismo em Sergipe*, publicadas originalmente em jornais do Rio. Esse foi o caso da longa e elogiosa resenha de Prudente de Moraes Neto (sob o pseudônimo Pedro Dantas), surgida na edição de 3 de agosto de 1974 do *Jornal do Brasil*. Mas, desde 22 de junho, veículos da imprensa sergipana noticiavam o lançamento do livro, que ocorreria em Aracaju, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na noite de 28 de junho daquele ano de 1974, uma sexta-feira.

Os exemplares de *O Tenentismo* remetidos do Rio pela Editora Vozes, conforme notas de próprio punho que Ibarê me confiou, chegaram à capital sergipana dias antes do lançamento do livro, sendo entregues pela Transportadora Atlas em 21 de junho, depois de dias de ansiedade do autor.

Ao que tudo indica, a expectativa não era somente de Ibarê. Na edição de 28 de junho, o *Diário de Aracaju* registrava: “O livro que revela o surgimento de um historiador e analista dos fatos políticos está sendo considerado o lançamento de maior repercussão na vida literária do Estado nos últimos anos” (*Diário de Aracaju*, 28 jun. 1974).

A edição do domingo, 30 de junho de 1974, da *Gazeta de Sergipe* noticiou o sucesso do lançamento, informando sobre o “comparecimento de grande número de pessoas”, entre as quais:

[...] familiares do General Maynard Gomes, do Reitor Luiz Bispo, dos Professores Fernando Porto, Silvério Fontes, Alberto Carvalho, Jackson [da Silva] Lima, Vieira Costa, Thetis Nunes, Terezinha Oliva, Beatriz Goes [sic], Stefanio de Faria Alves, Almiro Oliva representando o Secretário de Educação João Cardoso Nascimento, José Maria Rodrigues, Francisco Costa (*Gazeta de Sergipe*, 30 jun. 1974).



A *Gazeta* registrou ainda um feito pouco comum para o acanhado campo editorial sergipano. Ibarê teria autografado mais de cem exemplares do livro: um feito (ainda para os dias de hoje).

Não resta dúvida de que fora bastante prestigiado em sua terra o nascente historiador. Aquela noite de autógrafos reuniu autoridades e o grosso da elite intelectual da “província menor” naqueles já longínquos anos 70 do século XX.

O editorial do *Jornal da Cidade* de 6 de agosto de 1974 punha em dúvida se houvera em Sergipe algum lançamento mais relevante que o daquela obra e dizia: “[*O Tenentismo em Sergipe*] se situa entre o que de melhor já se fez em Sergipe, em matéria de lançamento editorial. Se é que não foi o melhor, até agora” (*Jornal da Cidade*, 6 ago. 1974, p. 5).

Grosso modo, a imprensa local avaliava ser o autor de *O Tenentismo* um “jovem e talentoso escritor”, “[...] dotado de grande espírito crítico [sic], pesquisador perspicaz e incansável estudioso da história brasileira, mormente sergipana” (*Gazeta de Sergipe*, 25 jun. 1974).

Lançamento do livro *O Tenentismo em Sergipe*, de Ibarê Dantas, na noite de 28 de junho de 1974, no IHGSE, em Aracaju



(*Jornal da Cidade*, Aracaju, 29 jun. 1974, p. 1).

Com o luxuoso auxílio de Terezinha Oliva, minha sempre professora e amiga, pude identificar as pessoas que aparecem na fotografia do lançamento do livro, publicada na primeira página do *Jornal da Cidade*, de Aracaju, no dia seguinte ao lançamento.

Da esquerda para a direita, temos, no primeiro plano: o magnífico reitor Luiz Bispo, da nossa UFS; o renomado intelectual e professor Alberto Carvalho; a professora e historiadora Maria Thetis Nunes, à época uma jovem e bem-apanhada senhora, abraçando o livro do ex-aluno e agora colega historiador; o memorável professor e historiador José Silvério Leite Fontes, que surge sobranceiro e, certamente, orgulhoso do ex-aluno e amigo; e, finalmente, Ibarê, aparentemente tímido, em sua habitual descrição, traço tão diverso da sua desenvoltura como historiador.

A fotografia parece remeter ao momento da noite de lançamento descrito na já mencionada matéria domingueira da *Gazeta de Sergipe*, aquela de 30 de junho de 1974, que nos diz:

No início da solenidade o Professor Silvério fez uso da palavra em cuja oportunidade teceu grandes elogios ao trabalho do Prof. Ibarê a quem pediu que considere o lançamento do seu livro como o primeiro passo para outros importantes lançamentos (*Gazeta de Sergipe*, 30 jun. 1974).

Clarividente professor Silvério, pensei eu. Mas tornemos à fotografia. Nela estão fixadas três figuras incontornáveis da história dos fazeres historiográficos em Sergipe: Thetis, Silvério e Ibarê. Eis a primeira geração de historiadores acadêmicos que despontava na UFS, sem, todavia, apartar-se do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, característica tão nossa e que tanto beneficiou nossa historiografia. Refiro-me, claro, à histórica e frutífera conexão entre a nossa Universidade e o nosso Instituto Histórico, o qual, inclusive, foi presidido pelos três historiadores e professores da UFS que aparecem na fotografia: Silvério, entre outubro e novembro de 1972; Thetis, entre fins de 1972 e fins de 2003; e Ibarê, entre fins de 2003 e princípios de 2010.



A legenda da imagem informa, entre outras coisas, o que seria melhor detalhado no dia seguinte pela *Gazeta de Sergipe*: que o lançamento fora bastante concorrido, contando com a presença de “vários intelectuais, artistas, professores, estudantes e admiradores do talentoso pesquisador [Ibarê Dantas]” (*Gazeta de Sergipe*, 30 jun. 1974).

E foi também a *Gazeta de Sergipe*, dias antes do lançamento do livro, o jornal a veicular entusiasmada matéria que contava, inclusive, com o testemunho do professor Silvério Fontes, o erudito e sisudo professor Silvério, dos Departamentos de História e de Direito da UFS. Retomando o que escrevera no prefácio de *O Tenentismo em Sergipe*, asseverava o mestre: “[A obra de José Ibarê Costa Dantas] está assentada em bases científicas tanto do ponto de vista da crítica das fontes, como da interpretação dos fatos” (*Gazeta de Sergipe*, 25 jun. 1974).

As lições de heurística e de hermenêutica em História teriam, assim, encontrado fértil terreno no espírito e no talento do ex-aluno de Silvério. Ex-aluno que, sabem alguns, antes mesmo de se tornar ex-aluno, já era assíduo frequentador da rica biblioteca particular do Mestre Silvério Fontes. Não por acaso, Silvério é autor do prefácio de *O Tenentismo em Sergipe*. E a escolha de um prefaciador nunca é aleatória. Absolutamente! A escolha ratifica a autoridade do mestre e chancela o trabalho do discípulo.

Causou-me alguma emoção ler o manuscrito original do prefácio, com a letra meio estropiada e a marginália corretiva em grafite do próprio Silvério. Nele, a certa altura, lê-se:

Acompanhei seu / trabalho, com a amizade e a ad- /
miração que lhe dedico, assistindo / ao debate de seu
espírito consigo / mesmo, à busca da formulação /
certa e participando da alegria/ de suas descobertas.
Hoje, a obra foi termi / nada. Vem a lume no jubileu /
da revolta de 1924. / Nenhuma melhor comemoração
que esse retorno reflexivo do / pensamento de um
historiador (Fontes, nov. 1973, p. 4).

Há um discurso subjacente em muitas das apreciações críticas surgidas em 1974 sobre a obra de Ibarê Dantas. Aliás, trata-se de

um discurso atualíssimo e que, nas celebrações do Bicentenário do Brasil, em 2022, ressurgiu com força em nossa historiografia, qual seja: a História do Brasil deve ser escrita, também, a partir das perspectivas regionais. Essa é a tônica, inclusive, do texto de Silvério Fontes no prefácio de *O Tenentismo*: “Não se pode mais escrever a História do Brasil, sem a revisão da História regional. Creio que será grande a mudança da perspectiva. Até hoje a História nacional é a dos acontecimentos ocorridos nos grandes centros [...]” (Fontes In Dantas, 1974, p. 9).

Em meados dos anos 1970, os críticos de importantes veículos da imprensa nacional se convenciam disso, tendo em mira o revelador trabalho do jovem Ibarê, surgido, assim, décadas antes da dita “revolução na historiografia brasileira” promovida por Evaldo Cabral de Mello ao estudar o processo de Independência do Brasil a partir da Província de Pernambuco. Em princípios dos anos 2000, Cabral de Mello principiou sua bem-sucedida ofensiva contra a poderosa “historiografia saquarema”, aquela que legara uma narrativa da história da nossa independência centrada no protagonismo do Rio de Janeiro.¹

Uma brevíssima, porém reveladora, nota do editor do *Jornal da Cidade*, publicada em 18 de julho de 1874, indica a repercussão e alguns desconfortos causados com o aparecimento de *O Tenentismo*, sobretudo entre parentes de atores históricos cujas ações são reveladas no livro. A ver:

¹ Em entrevista concedida a Lília Schwarcz e Heloisa Starling, publicada em 2019, o historiador explicou: “A história saquarema é a história, escrita na ótica do Rio de Janeiro, de todo o processo da independência entre a partida de dom João VI e o grito do Ipiranga. Na realidade, esse período foi muito mais rico, confuso e turbulento do que pretendem os saquaremas (designação que no Segundo Reinado era dada ao núcleo fluminense do Partido Conservador, de vez que um dos seus chefes, o Visconde de Itaboraí, era fazendeiro em Saquarema). E o que é mais curioso e irônico. A história saquarema foi escrita majoritariamente por historiadores vindos do Nordeste: Oliveira Lima, pernambucano; Pedro Calmon, baiano; Tobias Monteiro, rio-grandense do norte [...]” [Mello, Evaldo Cabral de. Entrevista com Evaldo. In Schwarcz, Lília M.; Starling, Heloisa M. (Org.). *Três vezes Brasil*: Alberto da Costa e Silva, Evaldo Cabral de Mello, José Murilo de Carvalho. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 104-105]. Na mesma entrevista, Cabral de Mello assinalou o que moveu sua pena na feitura do livro de 2004: “Quando preparei *A outra Independência* é que observei que a idade começava a me afetar, sobretudo no tocante à memória, que é vital para um historiador. Mas antes de parar definitivamente eu desejava ajustar as contas com a historiografia da Independência, com a visão saquarema da história do período, e então resolvi escrever aquele livro. Para demonstrar que houve uma alternativa à Independência como empresa no Rio de Janeiro. Curiosamente, é meu livro mais vendido” (Ibidem. p. 116).



A seriedade do pesquisador e historiador Ibarê [sic] Dantas é de tal ordem que, pessoas cujos parentes tiveram passagem no livro *O Tenentismo em Sergipe* como simples figurantes, outros, aliás, desempenhando papéis [sic] nada elogiáveis, não se sentem encorajadas para refutar a descoberta e o registro feitos pela obra acima referida, em virtude de não contarem com subsídios que possam enfrentar a gama de informações e documentos às mãos do escritor (*Jornal da Cidade*, 18 jul. 1974, p. 4).

Entre esses documentos explorados por Ibarê em *O Tenentismo* estava um tipo documental novo, ao menos no âmbito da historiografia sergipana: as fontes orais. Refiro-me aos 11 testemunhos colhidos com pessoas que viram de perto ou, de alguma forma, tomaram parte nas movimentações tenentistas no Sergipe dos anos 1920. Mas o professor Antônio Fernando de Araújo Sá vem, competentemente, destacando esse pioneirismo de Ibarê Dantas na utilização da metodologia da História Oral (Sá, 2011. p. 347). Logo, não choverei no molhado.

Sobre o referido desencorajamento para pôr em dúvida a interpretação que fez Ibarê do tenentismo em Sergipe, devo registrar que foi anunciada pela imprensa uma espécie de desforra pretendida pelo decano do jornalismo sergipano, Orlando Dantas: “[...] Em conversa informal, falando sobre o livro de Ibarê Góis [sic], o *Tenentismo em Sergipe*, disse o jornalista decano da nossa imprensa, que está preparando um trabalho revidando alguns fatos relatados pelo jovem escritor sergipano” (*Jornal da Cidade*, 14 ago. 1974, p. 5).

Parece que Orlando, falecido em 1982, desistiu da batalha, recolheu-se e não tornou públicos os seus senões ao livro de Ibarê, cujo sobrenome Dantas não indica parentesco próximo com o jornalista, oriundo do ramo açucareiro dos vales do Cotinguiba e do Japarutuba.

No mais, a relação insubmissa e, portanto, cientificamente salubre de Ibarê com o seu arcabouço teórico já era destacada pelos críticos de sua obra de estreia. Ezequiel Monteiro, por exemplo, assinalou:

Outro mérito do livro [*O Tenentismo em Sergipe*] está em sua positividade descritiva em função da qual são os episódios, as contradições e, enfim, os dados coligidos que induzem o ensaio a um desdobramento emanado da realidade, e não de um esquema apriorístico imposto pelo autor (Monteiro, *Jornal da Cidade*, 20 jul. 1974. p. 7).

Analisando outros trabalhos de Ibarê, sobretudo aqueles que fizam o Sergipe oitocentista, tenho destacado essa característica equilibrada, sóbria, do autor. A historiografia de Ibarê não se permite refém da teoria. A teoria, para Ibarê, não representa camisa de força interpretativa dos fatos. É, sim, lente que ajuda a lê-los, a interpretá-los. A teoria não filtra as fontes, mas complexifica sua leitura. E é assim que deve ser! A teoria deve ser sempre encarada como meio e não como fim. Não como conclusão, mas como hipótese.

A capacidade narrativa do historiador foi outra característica bastante valorizada pelos críticos de *O Tenentismo* à época do seu surgimento. Ibarê escreveu História com método e também com arte. Seu livro alcançava o interesse de leitores especializados ou não, agradava aos estudiosos da História e aos descomprometidos apreciadores de bons textos. Sobre esse aspecto da obra, destacou a imprensa sergipana:

[...] Ibarê quando descreve a primeira revolta, a de 1924, alcança, a meu ver, um dos melhores momentos da literatura sergipana, quer de ficção ou não. Não sei de autor que tenha conseguido, nestas bandas, transmitir uma atmosfera semelhante que salta das páginas que retratam a 1ª. revolta dos tenentes. Sem dúvidas, um lançamento de categoria (*Jornal da Cidade*, 17 jul. 1974. p. 4).

A leitura de *O Tenentismo em Sergipe* levou o crítico Ezequiel Monteiro a concluir que Ibarê Dantas seria um cientista social “desacademizado”, adjetivo empregado com sentido altamente meritório, considerando que a obra foi escrita “numa linguagem clara, direta e fluente”, sem descuidar do lastro teórico e metodológico (Monteiro, *Jornal da Cidade*, 20 jul. 1974. p. 7).



Também Prudente de Moraes Neto, na já mencionada resenha ao *Jornal do Brasil* de 3 de agosto de 1974, observou que *O Tenentismo* despertava “um interesse quase novelístico” nos leitores de Ibarê.

A obra já nascia clássica para a crítica sergipana. Aliás, sem bairrismo, as melhores, mais competentes e bem redigidas análises de *O Tenentismo* são da lavra de intelectuais sergipanos. As resenhas, por ordem cronológica, de Vladimir Souza Carvalho (*Jornal da Cidade*, 14-15 jul. 1974), Ezequiel Monteiro (*Jornal da Cidade*, 20 jul. 1974. p. 7), Arivaldo Fontes (*Gazeta de Sergipe*, 25 jul. 1974. p. 7) e João Oliva Alves (*Jornal da Cidade*, 28-29 jul. 1974) são referência nesse sentido.

Os limites deste artigo não me permitem analisar os entusiasmados comentários de importantes intelectuais brasileiros sobre *O Tenentismo em Sergipe*, constantes nas correspondências pessoais de Ibarê Dantas. Também não teria como tratar da apropriação de *O Tenentismo* por obras que se tornariam clássicas sobre o tema, como é o caso de *O movimento tenentista* (1986), de José Augusto Drummond, e *O Tenentismo* (1975), de Edgard Carone. Indício da riqueza desses veios, que podem e devem ser explorados, segue transcrito um trecho de missiva de Décio Saes a Ibarê Dantas, datada de 7 de novembro de 1974. À época, Décio já figurava como um dos mais influentes cientistas políticos brasileiros e era professor de Ciência Política da Unicamp, em Campinas, São Paulo.

[...] Devo dizer que passei a prescrever o seu livro como leitura obrigatória em todos seminários sobre o tenentismo, dada a sua grande utilidade. Desde já, você pode se regozijar pelo resultado alcançado, uma contribuição real ao avanço do estudo de nossa História Social e Política (Décio Saes, São Paulo, 7 nov. 1974).

No discurso proferido na solenidade em que recebeu o título de cidadão aracajuano em abril de 2024, Ibarê mencionou que, em fins dos anos 1970, quando, já na condição de professor da UFS, fora fazer mestrado em Ciência Política na Unicamp, teve Décio Saes como professor e que, na disciplina que cursara com aquele

cientista político, seu livro *O Tenentismo em Sergipe* constava na bibliografia obrigatória. Não era um aluno qualquer aquele vindo do pequeno grande Sergipe.

Ibarê Dantas rodeado de alunos de História
no Campus Laranjeiras da UFS em setembro de 2024



(Fotografia e acervo particular de Samuel Albuquerque)

Encerro assinalando que Ibarê Dantas é, sem dúvida, um eleito. Deus ou, se preferirem, o tempo tem sido generoso com ele. Para chegar a essa conclusão, basta considerar que, em junho de 2024, celebramos os 50 anos de Ibarê no ofício de historiador. Eis o mais longevo entre os grandes historiadores de Sergipe. E não pensem que estou exagerando.

Felisbela Freire, entre a publicação de sua fundadora *História de Sergipe*, em 1891, e sua morte, militou 25 anos na História – metade dos 50 anos de Ibarê. Maria Thetis Nunes, entre a publicação do seu primeiro livro importante sobre Sergipe, *História de Sergipe a partir de 1820*, e sua morte, alcançou 31 anos no ofício de historiadora – duas décadas a menos que as cinco de Ibarê. É ou não Ibarê um eleito?

Eleitos também somos nós, que, militando na História de Sergipe, somos legatários da obra monumental construída por Ibarê ao longo desses 50 anos, a começar pelo *O Tenentismo em Sergipe*, e, na minha avaliação, alcançando seu ponto mais elevado em 2009, com a publicação da biografia do velho *Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel* — uma sofisticada e saborosa releitura da história de Sergipe no “longo século XIX”, conforme conceito elaborado por Eric Hobsbawm. É o meu livro predileto de História de Sergipe.

Como escreveu Silvério Fontes, “Ibarê soube querer”.

Quase que profetizando, o jornalista João Oliva Alves afirmara, em 1974, que *O Tenentismo em Sergipe*, “obra merecedora de todo aplauso”, mostrava em Ibarê Dantas “uma vocação verdadeira de historiador” e que, por certo, nos daria ainda muito no futuro (Alves, *Jornal da Cidade*, 28-29 jul. 1974, p. 8).



O jovem historiador Vladimir Souza Carvalho, que lançara em 1973 o seu livro *Santas Almas de Itabaiana Grande*, reconheceu na obra de Ibarê a clara fisionomia de um livro de História que se tornaria um clássico e afirmou: “[*O Tenentismo em Sergipe*] vai ficar como exemplo da técnica científica do manuseio e interpretação da história sergipana” (Carvalho, *Jornal da Cidade*, 14-15 jul. 1974).

Ibarê, como um beneditino sem batina e com muita fé no ofício, foi eleito e devotou a maior parte da sua vida à História de Sergipe. O tempo tem sido generoso com Ibarê, e Ibarê tem sabido lidar com ele, combatendo um bom combate, “combatendo pela História”, como nos sugeriria Lucien Febvre.

Evaldo Cabral de Mello, historiador que reputo dos melhores ao longo da história da nossa historiografia, costuma desdenhar dos trabalhos que, escudados em soberba e atualíssima teoria, descuidam do que efetivamente dá longevidade aos livros de História. Conforme Evaldo, o antídoto essencial para que um livro de História não envelheça conta com uma dose não exagerada de teoria, sempre tida como hipótese, e doses cavalares de erudição e boa narrativa. Em outras palavras, o fundamental socorro das fontes

coevas e do saber contar a história. Nesse sentido, a obra de Ibarê, “espalhando benefícios”, está longe de ficar velha e parece disposta a contrariar o que profetiza uma peça do nosso cancionero que diz:

*E quando eu tiver saído,
para fora do teu círculo
tempo, tempo, tempo, tempo
não serei, nem terás sido.*

A Ibarê, desejo mais tempo. À sua obra, a eternidade.

Referências

ALVES, João Oliva. O Tenentismo na História de Sergipe. **Jornal da Cidade**, 28-29 jul. 1974, p. 8.

CARVALHO, Vladimir Souza. **Santas Almas de Itabaiana Grande**. Itabaiana: O Serrano, 1973.

_____. O Tenentismo em Ibarê. **Jornal da Cidade**, 14-15 jul. 1974.

DANTAS, José Ibarê Costa. **O Tenentismo em Sergipe** (Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930). Petrópolis: Vozes, 1974 (Col. Vozes do Mundo Moderno, 12).

DANTAS, Ibarê. **Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909)**. O patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe. Aracaju: Criação, 2009.

DANTAS, Pedro [Prudente de Moraes Neto]. O tenentismo e o processo revolucionário nacional. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 ago. 1974 (Suplemento Livro).

FONTES, Arivaldo. O Tenentismo em Sergipe. **Gazeta de Sergipe**, 25 jul. 1974. p. 7.

FONTES, José Silvério Leite. Prefácio. In: DANTAS, José Ibarê Costa. **O Tenentismo em Sergipe** (Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930). Petrópolis: Vozes, 1974 (Col. Vozes do Mundo Moderno, 12). p. 7-9.

_____. **Prefácio** [manuscrito original]. Aracaju, nov. 1973, 09 páginas – Acervo particular de Ibarê Dantas.

FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. **Historia de Sergipe (1575-1855)**. Rio de Janeiro: Perseverança, 1891.

GORGA FILHO, Remy. Livros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 jul. 1974, caderno B, p. 7.



INTELECTUAIS Prestigiaram Lançamento. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 30 jun. 1974.

LIVRO: guia quinzenal de idéias e publicações. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 e 21 set., 5 e 19 out. 1974.

MELLO, Evaldo Cabral de. Entrevista com Evaldo. In SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. (Org.). **Três vezes Brasil**: Alberto da Costa e Silva, Evaldo Cabral de Mello, José Murilo de Carvalho. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 99-120.

MONTEIRO, Ezequiel. Tenentismo. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 20 jul. 1974. p. 7 – Coluna O Negócio é o seguinte.

MOUTINHO, Nogueira. Nos domínios da política. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jul. 1974.

NOTAS E COMENTÁRIOS: O Tenentismo em Sergipe. *Jornal da Cidade*, Aracaju, 17 jul. 1974, p. 4.

NOTAS E COMENTÁRIOS: Ainda sobre o Tenentismo. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 18 jul. 1974, p. 4.

NUNES, Maria Thetis. **História de Sergipe, a partir de 1820**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

O LIVRO “O Tenentismo em Sergipe” [...]. **Diário de Aracaju**, Aracaju, 28 jun. 1974.

“O TENENTISMO em Sergipe” Sera Lançado 6ª Feira. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 25 jun. 1974.

PINGPONG: O Tenentismo em foco. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 6 ago. 1974. p. 5.

PINGPONG: Tenentismo. *Jornal da Cidade*, Aracaju, 14 ago. 1974, p. 5.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. A historiografia sergipana nos últimos 50 anos: tentativa de avaliação crítica. In: Glezer, Raquel (Org.). **Do passado para o futuro**: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011. p. 343-360.

SAES, Décio. [Carta manuscrita a Ibarê Dantas]. São Paulo, 7 nov. 1974 (Arquivo particular de Ibarê Dantas).

